País precisa de mais competitividade

CLÁUDIO CORDOVIL

O país precisa sofrer um *choque de competitividade*. Para promovê-lo, os governos atual e futuro já dispõem de um amplo diagnóstico sobre problemas do setor, solicitado pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia e pelo Banco Mundial, e elaborado por um grupo de pesquisadores brasileiros e estrangeiros independentes.

Para Simon Schwartzman, coordenador de um dos temas do seminário sobre Ciência e Tecnologia no Brasil, que produziu o mais nítido retrato da situação do setor, é necessário fortalecer e incentivar a participação da indústria no esforço de capacitação tecnológica, promover ampla reforma educacional e aprimorar os mecanismos oficiais de avaliação de projetos de pesquisa.

De fato, o *Relatório mundial de ciências*, publicado pela Unesco referente ao ano de 1993, revela que o Brasil é um dos países da América Latina com menor número de centros de pesquisa ligados à indústria. Só perde para o Peru, país em que este setor tem investimento *zero* em ciência e tecnologia.

Mas o diálogo entre ciência e indústria não é tão fácil de ser estabelecido. Segundo Schwartzman, cientista político e professor da USP, é preciso superar uma cultura de preconceitos de ambas as partes. "Os cientistas não estão muito interessados em cooperação com o setor produtivo e os empresários industriais consideram os pesquisadores um grupo de artistas desconectados da realidade".

O cientista político acredita que o

Schwartzman quer mais investimento

desinteresse do governo por ciência e tecnologia tem a ver com a intenção de reduzir a participação do estado na economia e atender as demandas sociais de uma sociedade amplamente desigual. "Como o setor não mostra resultados palpáveis, a atitude de quem está do lado da economia é de cortar gastos. Entre fechar um hospital e acabar com a pesquisa sem utilidade muito evidente, o governo fica com a segunda opção".

Com muitos atores políticos disputando escassas verbas governamentais, resta estabelecer políticas para o setor que passem pela melhor gestão administrativa e financeira. Isto significa, na avaliação de Schwartzman, *mudar a música* da maioria das cabeças da área política e científica, tarefa difícil pois "as estruturas que se criaram ao longo destes anos tendem a resistir a mudanças". Ele propõe que se abandone o "modelo Geisel" dos anos 70, com ênfase na noção de que a ciência deve investir em grandes projetos para romper um suposto cerco tecnológico imposto pelos países desenvolvidos.

Para evitar o desperdício de recursos e garantir o fluxo estável do financiamento que hoje não acontece, Schwartzman defende a consolidação do modelo de laboratórios associados. O projeto é inspirado em proposta apresentada em 1988 pelo físico Moysés Nussenzveig ao então Ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique da Silveira, que foi amplamente discutida pela comunidade científica, mas não saiu do papel.

A intenção é "proteger grupos que já estabeleceram uma tradição de pesquisa de alta qualidade das flutuações de práticas administrativas e orçamentárias, através da alocação de recursos por um prazo de cinco anos e não anual, como acontece atualmente", explica Nussenzveig. Ele acrescenta que um projeto científico deve sempre ser pensado em uma escala de tempo de cinco anos. "É preciso criar um mecanismo de financiamento com estabilidade."

Schwartzman acredita que este é o principal dispositivo para preservar a capacitação científica existente e que está sendo sucateada por falta de investimentos. Através desta proposta, cerca de 200 grupos de pesquisa custariam ao governo cerca de US$ 200 milhões de dólares ao ano.

Saber visto ao microscópio

■ Brasil participa com menos de 1% do esforço mundial

As atividades de pesquisa e desenvolvimento são altamente concentradas no mundo. Oitenta por cento delas são realizadas nos países desenvolvidos. Enquanto os países industrializados investem 2,9% de seu PIB nesta área, o Brasil investiu 0,7% nos últimos anos. O país desenvolve menos de 1% da pesquisa realizada no mundo. Nenhum cientista brasileiro é citado como um dos "principais contribuidores" ou "significativamente influentes" em um estudo sobre o trabalho de 3 mil cientistas, produzido no exterior.

A pesquisa brasileira representa pouco menos da metade da produzida no resto da América Latina e um terço da que é produzida em Israel. Para se ter uma idéia da disparidade favorável a Israel, basta considerar o porte da economia do Brasil e sua população.

No período de uma única geração, de 1962 a 1988, o PIB da Coréia do Sul aumentou de US$ 2,3 bilhões para US$ 169 bilhões como resultado de uma bem consolidada política de desenvolvimento tecnológico. Uma característica marcante da estratégia para ciência dos *tigres asiáticos* é que a participação do governo no financiamento de pesquisa e desenvolvimento está caindo e a da indústria aumentando. Na Coréia do Sul, a participação do governo caiu de 44% em 1981 para 16% hoje.

Estes dados foram extraídos do *Relatório mundial de ciências* (Unesco, 1993) e do documento *Ciência e Tecnologia no Brasil: uma nova política para um mundo global*, elaborado sob a coordenação do cientista político Simon Schwartzman. (*C.C.*)